



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. DO SOL, 131—PORTO

Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—*Maclei Barbosa*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez	\$05 (50 reis)
Semestre	\$30 (300 reis)
Um ano	\$60 (600 reis)

Para fora do país acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)

A PROPOSITO DE PATRIOTISMO

Para falar de amor á pátria e de patriotismo, não há como os burgueses, como os capitalistas, como os industriais ou como os seus agentes. Anchos duma sabedoria, orelhuda, essas criaturas possuem um estulta pretensão de, nos chamados «momentos solenes», se ufanarem ao largar sentenças e conselhos, os quais, se não nos deixam de cária á banda, dão-nos a impressão bem nítida de que os *gajos* não tem o juizinho no seu lugar. O último movimento grevista dos gráficos constituiu, a nosso ver, uma ocasião única e excepcionalíssima para os respectivos industriais mostrarem o elevado grau da sua inteligência, assoprada pelos clarins sempre neutros da imprensa diária. Botaram moções e propostas que são duma pureza de linguagem *inulgar*, ao mesmo tempo que, da gramática, deram provas dum conhecimento *sólido e irrefutável*. Os operários que moirejam de pela manhã até á noite e a quem a sociedade burguesa nega toda a espécie de auxilio para se ilustrarem visto que os obriga a trabalhar na idade em que eles haviam de frequentar as escolas, devem dar-se por satisfeitos com esses esguichos intellectuais. Como prova de incompetência das classes que arrogam o direito e a classificação de directoras do movimento de produção, não há melhor nem mais belo, nem mais significativo. Pelo que se observa, a inteligência, por lá, corre tam depressa que eles, coitaditos, ainda não puderam lançar lhe os harpeses e refê-la para servir convenientemente os seus fins. De aí as suas inúmeras... burriciadas, algumas das quais occupam tanto espaço como a pileca do Sancho Pança ou o rosinante do D. Quixote. A liante.

Numa das suas moções, tam comprida como á légua da Póvoa, arangaram esses bipedes que, dudo o estado actual da Europa, os operários o que deviam era trabalhar 12, 14, ou mais horas para se poder acudir a todas as necessidades do país. Assim é que eles mostravam o seu inolvidavel patriotismo e o seu amor á pátria tam invilecida e tam desgraçada pelos enormes embates a que tem sido sujeita; assim é que eles faziam ver que não fã na corrente desses individuos que, não admitindo as fronteiras, procuram o bem-estar da Humanidade, destruindo a sociedade burguesa, proclamando o accordo mútuo e a solidariedade dos povos para acabarem as desigualdades; assim

é que eles revelavam aos poderes constituídos que na hora dos sacrificios não conheciam fadigas nem canseiras, pois o seu espirito nacionalista e patriótico manifestava-se com toda a exuberância e grandesa que possui. Na mesma moção ou lá que é, esses bonifrãtes, com a boca cheia de patriotismo, não falavam sequer de ceder mais uma parcela de lucro aos operários. O que eles desejavam era trabalho, mas trabalho em cheio, trabalho que lhes desse maquia grossa. Os operários vivem mal com os parcos salários que percebem? Que se importam eles com isso? Aumentar os lucros do capital, eis o fim almejado. A miséria é a fome, não figuram no seu activo... nem no seu passivo. O essencial é que o seu rico dinheirinho, roubado aos trabalhadores, produza, produza constantemente 10, 20, 50 ou mais por cento. Aí é que está o patriotismo e o amor á pátria dos industriais subscribers da grutesca moção.

A vida está cara:—mal se ganha para uma pequeníssima alimentação. Mas eles não tratam dessas ninharias. O patriotismo, segundo eles, manda os operários produzirem sem conta nem medida. Viva a pátria! e os seus ricos cabedais vão engrossando fabulosamente á custa das fadigas proletárias...

Morre-se de fome; mas isso é o menos. Trabalhadores há muitos; exploradores há poucos, comparativamente. Portanto toca a lançar a rede. Podia ser que apparecessem *cavalgaduras* que se submetessem e nesse caso triunfava o seu tam decantado patriotismo e o seu amor á pátria. E vai de aí toca a dar publicidade ás moções, apelando para os sentimentos nobres e *alevãntados* da massa patriótica como quem apela para os bombeiros ao ver o pobre casebre e os miseráveis haveres em chamas...

Disse o Tolstoi: o patriotismo é a imbecilidade generalizada. E com effeito: se os operários olhassem para as palavras venenosas dos seus exploradores, indo patrioticamente trabalhar 12, 14 ou mais horas para as oficinas, que qualificação mereciam? O de imbecis? Ainda era pouco, muito pouco. Por onde se vê que o patriotismo estreito da burguesia e do industrialismo não tem razão de existir para os trabalhadores. São os factos que o provam com a eloquência da verdade. Compreendê-lo hão os trabalhadores?

ALFREDO GUERRA.

que a fabrica, das ficções por meio das quais os crentes julgam ser representada a soberania do povo.

Várias vezes os anarquistas fizeram lusão a essas ilusões democráticas, que nos países onde vigora o chamado liberalismo entorpecem as iniciativas das minorias avançadas e acção do povo e que servem, nas mãos dos governos, como óptimo instrumento de dominio.

Assim, na Suíça, por exemplo, o livre cidadão, persuadido de o fazer mui espontaneamente corpe a empunhar a carabina de miliciano para reprimir uma greve, indignado com esse medonho atentado contra a disciplina dum livre Estado e as seculares liberdades helvéticas. E as ideas social-revolucionárias compñham lentamente, no meio duma convicção geral duma liberdade illusória. O mesmo nos Estados Unidos e noutros países democraticos. A repressão mesmo é ali mais facilmente justificada.

Baseando se numa qualquer eminencia politica estrangeira, não dizia entre nós um jornalista, poucos meses depois de proclamada a república, que, sendo maior nas democracias a soma de liberdades, maior deve ser portanto a disciplina e maior é, por parte do Estado, o direito de reprimir?... Parece uma calinada, mas é lógica... democrática.

Por outro lado, nós contamos com as desilusões produzidas pela prática do regime democratico; e medimos as liberdades dum povo, muitissimo menos pelas formas politicas do governo, ás vezes enganadoras, mesmo como manifestação puramente exterior de condições intimas do que pela resistência que esse povo sabe opôr ao poder, seja qual for a tabuleta deste, sem se deixar ludibriar pelas ficções democraticas.

Mas enquanto o povo se deixa embalar pela musica das liberdades illusórias, garantidas pela lei e pelo Estado, enquanto lhes dá crédito e está disposto a defendê-las contra os supostos perigos internos e externos, fazendo causa comum com os amos que lhes apontam, então essas liberdades perdem para nós o seu valor relativo (que aliás só pode ser mantido por uma attitude sempre de opposição revolucionária) para se tornarem um instrumento de lógro e dominação tam eficaz como o *knut* ou a *schlague*.

Esse povo poderá porventura estar mais perto da experiência e desillusão necessãrias; mas enquanto não as alcança, a sua capacidade revolucionária não é efectiva, e o governo e a burguesia obtêm com processos liberais e democraticos os mesmos resultados que, noutra parte, obtêm a chicote ou a tiro.

Nem tudo o que luz é ouro

A liberdade gozada pela imprensa inglesa durante a guerra é bem superior á dos outros países, á de França, por exemplo, onde no próprio 14 de julho a Bataille Syndicaliste «embandeirou em branco», tendo-lhe a censura cortado uma simples carta aberta da associação dos empregados do correio ao ministro!

Em todo o caso, a Inglaterra tem também para a ocasião a sua «Lei de Defesa do Reino», destinada sobretudo a coibir os embaraços postos ao recrutamento. O serviço militar é ainda voluntário, mas é proibido contradizer a propaganda dos recrutadores e resistir á coacção dos patrões sobre os seus salaridos.

Assim, dão-se casos como o que, no Hyde Park, num comicio de recrutamento realizado em 4 de julho, aconteceu a Herbert Broome, que já tinha aranjado 50 recrutas para a armata. Eis a narrativa do jornal «Woman's Dreadnought»:

Concluido o seu discurso, perguntou-lhe uma mulher se os soldados que voltassem da guerra podiam estar certos de obter os seus antigos salãrios no caso de os terem substituido mulheres. O sr. Broome respondeu que se as mulheres tivessem tomado os lugares dos homens por salãrios mais baixos, receava que não. Deplorou o facto de ferroviários, que ganhavam 27 xelins por semana, terem sido substituidos por jovens operãrias a 12 xelins e meio, e afirmou que não eram patriotas os patrões que tal faziam.

Um official que estava entre a multidão disse: «O senhor está a fazer mais mal do que bem dizendo isto, e está a causar perturbações. Quando o sr. Broome desceu da plataforma um policia disse-lhe: «Tenho que prender por uso de expressões nocivas do recrutamento!»

No dia seguinte o nosso recrutador apunhava 21 dias de prisão: Toma, que é para aprenderes a recrutar!

Confederação Operária Brasileira Pela paz

Aos socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias de todo o mundo

A pressão exercida pelos governos das nações beligerantes sobre o governo espanhol, obrigando este a proibir a reunião, em Ferrol, do Congresso Internacional da Paz, marcado para 30 de abril p. p., é uma prova de que os governos da burguesia temem que os proletários do mundo inteiro cheguem a combinar esforços e, unidos todos, façam cessar a horrôsa matança que ha onze mezes assola os campos da civilizada Europa.

Basta já de filofofar: vamos aos factos. Beligerantes e neutros, sofremos as mesmas consequências do actual estado de coisas,—um dando a sua vida nos campos de batalha, em holocausto ao deus Capital, outros, por effeito da crise industrial e commercial, morrendo de fome e de miséria sem que uns e outros tenhamos um gesto de rebeldia para nos sublevarmos contra os causantes de tão monstruoso crime de lesa-humanidade.

A hora é chegada para que todos os proletários do mundo, e todos os homens de espirito altruista e de grandes ideas de redenção humana, nos aprestemos para a luta.

Actos de sublevação já se deram nas trincheiras das nações em guerra. Liebknecht e outros, na Alemanha, lançaram um manifesto pedindo a Paz. Sebastião Faure fala ao sentimento dos seus compatriotas, com um manifesto, e este chega ás trincheiras, onde os soldados entusiasmados cantam a Internacional Na Rússia, na propria capital da nação, os revolucionários protestam contra a guerra. Na Inglaterra, os anarquistas e sindicalistas lançam um manifesto, dirigido ao proletariado do mundo inteiro, que é um grito de protesto e de rebeldia.

Todos estes factos nos fazem creer que o embrião patriótico já passou e que os exercitos combatentes, compostos de proletários, se vão dando conta de que foram miseravelmente enganados, e cansados de sacrificarem-se esterilmente numa luta que só vem favorecer a alta burguesia, só esperam que os proletários das nações neuze iniciem os primeiros passos em favor da Paz para o secundar.

Por estes motivos, a Confederação Operária Brasileira convoca os socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias do mundo inteiro para um Congresso Internacional da Paz a reunir-se no Rio de Janeiro nos dias 14, 15 e 16 de outubro do ano presente com o fim de discutir este tema:

Meios mais eficazes para fazer terminar a guerra europeia.

Proletários do mundo: acorrei a este Congresso!

Anarquistas, socialistas, sindicalistas: é chegada o momento dos grandes sacrificios!

Proletários das nações beligerantes! Antes que morrer nas trincheiras, defendendo os interesses da classe capitalista, é preferivel morrer nas barricadas, defendendo a vossa emancipação. Escutai-nos a nós que, vossos irmãos em sofrimento, estamos vindo como pouco apouco ides deixando a vida nos campos de batalha e que, ao terminar a actual guerra, não haverá entre vós nem vencidos nem vencedores: os conquistadores sobreviventes irão depois cultivar os campos conquistados debaixo do látigo patronal, e vencidos e vencedores continuareis os mesmos escravos do salãrio.

E a vós, proletários das nações neutras, acorrei a este Congresso, desenvolvendo todas as vossas energias e actividade para que este não seja apenas um congresso mais.

Seja a jovem América a que lance o primeiro grito da rebeldia!

Trabalhadores do mundo!

Ao Congresso da Paz, e que surja, deste, a primeira chispa do incendio que há de fazer tremer os governos da burguesia, esses abutres que neste instante tripudiam, devoradores, sobre a flor da juventude proletária.

Socialistas, sindicalistas, anarquistas! Das vossas energias, do vosso entusiasmo e altruismo por todas as causas nobres, sempre dispostos ao sacrificio, esperamos que neste momento sabeis cumprir o vosso dever de verdadeiros internacionalistas.

Proletários do mundo, a pé! A hora das nossas reivindicações soue e necessário é que nos preparemos para dar a última batalha a esta sociedade podre, que se mantém sómente pela fraude e pelo crime!

Ao Congresso da Paz todos os internacionalistas!

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1915.

A Comissão organizadora do Congresso: Antonio F. Vieytes, Astorjildo Pereira.

NOTA DA REDACÇÃO—Vemos com

simpatia todas as manifestações internacionalistas contra a guerra e achamos que nada há pior do que o desânimo e a falta de fé. Entretanto á circular dos camaradas do Rio devemos objectar a impossibilidade de representação directa e efectiva da parte do proletariado europeu, em vista da distancia e das condições precárias em que os pobres se encontram actualmente. Depois, o tema a discutir deveria, a nosso ver, ser formulado de outra maneira, mais compativel com as possibilidades presentes.

Para acabar com a guerra, só outra guerra—a de classes, só a revolução social; e isso não é coisa que se decida agora no Rio, entre meia dúzia de delegados. Quando muito, haveria discussões teóricas e moções platónicas, com o valor moral e preparatório de propaganda e de manifestação duma vontade.

O que há a discutir é o modo de aproveitar as circunstâncias, as oportunidades que se offereçam á nossa acção e propaganda, e a conduta a seguir perante a guerra e suas consequências, prováveis ou possíveis, sob o ponto de vista operário e revolucionário.

Reunir-se neste momento para esse fim, assim como para protestar contra a guerra e para estreitar relações internacionalistas e revolucionárias numa ocasião de odios e conflitos, é certamente de grande alcance; e se os nossos camaradas do Rio o conseguirem, ainda que não seja sendo entre os revolucionários social sul-americanos, não desperdiçãro sem dúvida o seu esforço. Com eles estaremos de todo o coração.

Notas Rubras

Na volta dum «heroi»

O tenente Aragão, «heroi de Naulila», recusou-se, de forma categorica, a aceitar o posto a que o Parlamento o elevou por distincção, em recompensa dos seus guerreiros feitos em Angola.

O gesto do citado official, mesmo analisado no campo militarista, foi sob todos os pontos de vista o mais lógico possível e deu uma tremenda lição aos nossos pais da pátria, que são muito solícitos e generosos em conferir honrarias...

Todos sabem que no já celebre combate de Naulila, entre portugueses e alemães, alem do tenente Aragão, outros officiais e muitos soldados lusos se bateram. Porque motivo então é que, precipitadamente, apenas houve a idea de premiar o referido official?

La jurar que daquele infeliz coneteiro que ha tempos se encontra na metrópole, e que ficou estropiado naquele mencionado combate, jamais alguém se lembrou, não para lhe render homenagens, que ele não come disso, mas para lhe estabelecer uma pensão que lhe evitasse a dura necessidade de ter que mendigar o sustento que agora não pode ganhar com o seu esforço outrora fecundante.

Isso lembra ele! Não que o tenente Aragão sempre era uma figura de importância, e era preciso especular, em favor da intervenção de Portugal na guerra, da sua qualidade de prisioneiro dos alemães...

Mas saiu lhes o gado mosquiteiro, como é costume dizer-se.

O heroi de Naulila não se deixou iludir com as bajulações dos corajosos guerristas de... palavriado, e mandou-os bujjar...

Até os patrióticos empresarios dos teatros se devem ter amofinado por o «heroi» não andar a exhibir-se... Já se preparavam para lhe dedicar dezenas de festas com o fim de... encherem as bilheterias de massas.

Santa gente! Se a valentia guerreira e o ardor patriótico de certa corja fosse coisa susceptivel de se tornar palpavel não passaria duma pedação de esturme...

C. RODRIGUES.